

Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinópticos,

Aula 14, Crítica da Forma

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Bem, bom dia. Chegamos à nossa última sessão aqui no Curso do Evangelho Sinótico. Vimos até agora o Jesus histórico, o contexto judaico, a introdução à exegese, o gênero narrativo, a data de autoria, as características dos sinóticos, a exegese de parábolas, os evangelhos como obras literárias, o problema sinótico, a geografia da Palestina e Jerusalém, a exegese de relatos de milagres, a teologia dos sinóticos, relatos de controvérsias, a exegese de relatos de controvérsias, e agora queremos olhar para a crítica da forma e a crítica da redação.

Também queremos terminar com algumas conclusões sobre a história do evangelho. Bem, pensamos um pouco sobre a terminologia da crítica da forma. Sobre o que é a palavra crítica da forma? É uma tradução aproximada para o inglês de dois termos alemães, Formgeschichte, história da forma, ou Gattungsforschung, gênero de pesquisa.

Crítica de forma é um método de análise de materiais que foram transmitidos oralmente em uma tentativa de recuperar suas versões originais, partindo do pressuposto de que suas formas literárias podem ser identificadas e restauradas às suas condições primitivas. Vamos esclarecer isso um pouco aqui. A ideia é que histórias ou ditados circulam oralmente e, à medida que fazem isso, seu conteúdo e complexidade mudam de maneiras previsíveis, um pouco como as histórias sobre o peixe que escapou, que sempre parecem ficar maiores à medida que a história é repetida várias vezes.

Bem, a aplicação da crítica de forma ao Novo Testamento começa com Rudolf Bultmann logo após a Primeira Guerra Mundial. O que queremos fazer primeiro é olhar um pouco para o contexto da crítica de forma, e então voltaremos e começaremos a descrevê-la especificamente. Essa abordagem, crítica de forma, não apareceu de repente com Bultmann, mas tem um longo histórico em estudos bíblicos. Várias vertentes do pensamento liberal foram unidas na crítica de forma.

Primeiro, a reconstrução da história da igreja de FC Bauer. Bauer foi um professor alemão de história da igreja em meados do século XIX e meados de 1800. Bauer adotou a filosofia da história de Hegel e a aplicou à história da igreja.

Nessa época, a filosofia e a história de Hegel, assim como o conflito de ideias, eram muito influentes na Europa. Ele via toda a história como um conflito entre uma nova ideia, que ele chamava de tese, que gerava uma contra ideia, a antítese. O conflito deles eventualmente levou a algumas ideias de compromisso, que ele chamava de síntese.

Então, uma tese conflita com a antítese, levando à síntese. A maioria das pessoas está mais familiarizada com a forma como Karl Marx aplicou essa ideia à luta entre classes sociais. Bauer foi o primeiro a aplicar essas ideias à história da igreja primitiva.

Ele viu uma luta entre dois grupos na igreja primitiva, caracterizada da seguinte forma. De um lado, a igreja judaica. De outro lado, a igreja gentia.

Pedro é o líder da igreja judaica. Paulo é o líder da igreja gentia. A igreja judaica era composta majoritariamente por judeus.

Igreja gentia, principalmente gentios helenísticos. A igreja judaica via Jesus como um grande homem que fazia milagres e Messias. A igreja gentia via Jesus como Deus em uma nova religião de mistério.

A igreja judaica tinha ênfase na lei. A igreja gentia, ênfase nos sacramentos. A igreja judaica, ênfase na salvação nacional, salvação de Israel.

Igreja gentia, sobre salvação individual. Bultmann então, mais tarde, no século XX, usa as ideias de Bauer de duas igrejas judaicas e gentias primitivas separadas para datar as fontes que ele alega encontrar no material do evangelho. Então esse é o primeiro elemento, se preferir, que será usado por Bultmann em sua crítica de forma.

A segunda foi a abordagem mítica de David Friedrich Strauss. Strauss, você se lembra, escreveu o *Leben Jesu* em 1835, e ele disse que muito do evangelho era mítico, especialmente o miraculoso. Os evangelhos, ele pensou, são peças de propaganda que ensinam a verdade religiosa, mas os eventos que eles narram não aconteceram realmente.

Críticos de forma, especialmente Bultmann, seguem Strauss ao ver muito nos evangelhos como mito também. Então, temos o terceiro elemento, a teoria documental de Bernard Weiss e HJ Holtzmann. Quando falamos sobre o problema sinótico, mencionamos a teoria dos dois documentos.

Isso foi popularizado por Weiss e Holtzmann, embora Eichhorn o tenha proposto antes. Aqui, Marcos e Q são as fontes usadas por Mateus e Lucas. A crítica de forma vê Marcos e Q como as fontes literárias por trás dos evangelhos, mas então tenta voltar atrás de Marcos e Q para os materiais orais primitivos originais.

Um quarto elemento são os velhos argumentos liberais sobre o caráter de Jesus. Como dissemos antes, com os milagres removidos dos evangelhos, temos imagens

conflitantes de Jesus. Alguns o veem como um professor moral, outros como um líder revolucionário, ou um profeta da desgraça escatológica, ou um charlatão.

Quais partes do material do evangelho são selecionadas ou rejeitadas afetam que tipo de Jesus esses vários caras diferentes veem. Bultmann e outros esperam que a crítica da forma possa esclarecer a imagem e retornar ao Jesus histórico real. Um quinto elemento por trás da crítica da forma é o ceticismo de Wrede e Wellhausen.

Wrede e Wellhausen propuseram que até mesmo Marcos e Q eram construções teológicas derivadas da interpretação da igreja primitiva. E então, se isso é verdade, então temos que dissolver a estrutura dessas narrativas e olhar para os ditos básicos isolados. E é isso que a crítica da forma faz.

Mas a crítica da forma começou primeiro no Antigo Testamento, e então esse é o sexto elemento. E isso nos leva a Hermann Gunkel. Ele distinguiu pequenas unidades em Gênesis e nos Salmos, que ele alegou terem circulado oralmente antes de serem escritas.

As unidades em Gênesis, ele disse, continham lendas projetadas para explicar a origem dos nomes, sejam lugares ou pessoas. As unidades nos Salmos eram materiais de adoração ou litúrgicos preparados para ocasiões específicas ou santuários específicos. Gunkel tentou reconstruir a situação de vida, que veio a ser conhecida em alemão como *sitz im leben*, na qual essas histórias ou Salmos se originaram.

Bultmann então tenta fazer o mesmo para as unidades que ele encontra nos Evangelhos Sinópticos. Isso nos leva então, finalmente, a formar críticas no Novo Testamento. Após a Primeira Guerra Mundial, Bultmann aplicou o método de Gunkel aos Evangelhos, isto é, às peças isoladas da estrutura de Marcos e Q, como sugerido por Wrede e Wellhausen .

Bultmann alegou que seu método, crítica de forma, poderia distinguir material anterior de material posterior, poderia distinguir fontes gentias de judaicas e poderia, assim, determinar quais materiais realmente remontavam a Jesus. Os métodos de Bultmann foram refinados desde sua época. Eles encontram seus praticantes mais ávidos nos membros do Jesus Seminar, que foi mencionado em nossa discussão sobre o Jesus histórico.

Então, isso é tudo sobre o contexto da crítica de forma. Métodos de crítica de forma. Bem, a primeira pergunta a ser feita, suponho, é: o que é uma forma? Bem, para entender a crítica de forma, começamos com o básico.

Existem todos os tipos de coisas que são chamadas de formas, e várias delas têm alguma relação com nossa preocupação aqui. Uma forma é um tipo de molde que dá

forma a algum meio. Por exemplo, temos formas de concreto para despejar concreto para fazer calçadas e sarjetas e coisas desse tipo.

Temos moldes de gelatina para fazer saladas de gelatina e outras coisas desse tipo. Podemos chamar isso de formas físicas. Por analogia, então também temos formas de linguagem, e formas de linguagem também dão forma a algum meio, mas o meio aqui é a linguagem.

Esses formulários mantêm certas palavras fixas, que são então o formulário, e então variam outras palavras, que podemos pensar que são os conteúdos que despejamos no formulário. E isso torna esses formulários úteis para uma variedade de aplicações. Ainda pensamos nisso em uso bastante comum quando falamos sobre preencher um formulário.

Então, você tem um formulário de inscrição, e ele é configurado para uma inscrição para um emprego ou para uma faculdade ou algo assim, e ele tem certos formulários, coisas fixas, nome, endereço, etc., e o que são depende de que tipo de formulário é. Alguns exemplos que talvez não sejam chamados de formulários tanto, uma introdução educada é um formulário. Você tem o tipo de espaço para o nome de uma pessoa, e então eu gostaria que vocês se encontrassem, e então você coloca o nome de outra pessoa ali, então isso lhe diz educadamente como você deve apresentar alguém.

Um sermão também é, se preferir, uma forma literária ou verbal. Ele pode ter formas um tanto diferentes, se preferir, formas, se preferir, dependendo se é um sermão textual, um sermão tópico ou um sermão expositivo. A forma clássica do sermão consiste em uma introdução, um corpo e uma conclusão, e o corpo, especialmente para um sermão clássico, deve fazer três pontos e deve ser polvilhado com ilustrações e exortações.

A conclusão pode muito bem terminar em um poema ou uma oração ou um chamado ao altar, dependendo da denominação cristã específica ou do contexto em que o sermão está sendo dado. Um bom teste para reconhecer uma forma é se ela pode ser imitada ou parodiada? Por exemplo, um sermão textual sobre Mary Had a Little Lamb, que ouvi em algumas ocasiões, é um exemplo desse tipo de coisa. Também obtemos formulários legais ou financeiros.

Um cheque, por exemplo, se você pegar seu talão de cheques e olhar para ele, tem palavras fixas e muitos espaços em branco, e é basicamente um pequeno memorando ou carta para seu banco, e é datado para que o banco possa ver se ele existe há muito tempo ou não, e diz a quem você paga o cheque e quanto, e tem dois lugares para isso para evitar que o destinatário faça o cheque, de colocar alguns números extras para torná-lo um valor maior, e então tem sua assinatura, e cheques recentes têm, é claro, o nome do banco e todos os tipos de números de roteamento

na parte inferior e coisas desse tipo também. Uma escritura ou testamento também seriam exemplos de formas legais. Em inglês, temos formas literárias em poesia.

Um soneto, por exemplo, é fixado como tendo quatorze versos, e é suposto estar em um medidor particular chamado pentâmetro iâmbico e sua letra. É sobre algum tópico como amor ou beleza da natureza ou algo do tipo e frequentemente tem um esquema de rima fixo. Então, aqui está um soneto cristão de Francis Ridley Havergill, um escritor de hinos bastante conhecido do século XIX.

O amor culmina em bem-aventurança quando atinge um brilho branco, inabalável, que consome o medo, e sabendo, é conhecido como sabe, não precisa de palavra de segurança ou discurso suave. Ele anseia apenas por proximidade silenciosa, para descansar. Nenhum som, nenhum movimento, amor não ouvido, mas sentido, mais e mais tempo ainda até que o tempo derreta, um floco de neve no peito do oceano eterno.

Momentos desse silêncio estrelaram teu passado, fizeram da memória um lugar assombrado pela glória, ensinaram toda a alegria que os mortais podem traçar? Por uma luz maior, isso é apenas uma sombra lançada. Assim o Senhor teu Deus se alegrará sobre ti, e em seu amor descansará e ficará em silêncio. Na outra ponta do espectro, temos limericks, que é um poema humorístico de cinco versos.

Três versos, o primeiro, o segundo e o quinto, têm três pés em seu metro, e rimam. E dois versos, um terceiro e um quarto, são mais curtos, dois pés, e rimam. E o quinto verso é a piada.

Havia uma jovem chamada Bright, que viajava muito mais rápido que a luz. Ela partiu um dia de forma relativa e retornou na noite anterior. Um dos meus alunos escreveu esta limerick.

Havia um professor chamado Newman, que era conhecido por sua inteligência e perspicácia. Ele deu um teste, mas todos chutaram, então ele os reprovou sem nem mesmo ficar furioso. Isto foi por John Bloom, um dos meus antigos alunos.

Bem, esses são exemplos de formas literárias, se você preferir. Vamos dar uma olhada nas afirmações que Bultmann e outros críticos de forma fazem. Eles dizem, sim, ok, há formas na literatura escrita e oral, então o que Bultmann afirma que podemos fazer com elas? Aqui estão as afirmações típicas dos críticos de forma do tipo Bultmann.

Alguns críticos de forma são mais conservadores do que ele, mas Bultmann é de longe a maior influência nos estudos do Novo Testamento. Então, Bultmann e outros desse tipo afirmam. Primeiro, houve um período de tradição oral antes que os

Evangelhos fossem escritos, e a maioria das pessoas concordaria que algo oral existiu por um tempo.

Bultmann argumenta a favor de duas gerações de transmissão oral, de Cristo até talvez 70 a 100 d.C. Em segundo lugar, durante esse tempo de transmissão oral, os ditos e narrativas do Evangelho circularam como unidades independentes. E então, em terceiro lugar, essas unidades podem ser classificadas por sua forma em grupos. Normalmente, há três grupos; alguns terão mais, e você pode obviamente subdividir os grupos.

Um desses grupos é um ditado, uma declaração isolada de Jesus, sem nenhuma narrativa que o apoie. Outro é uma história de ditado, um provérbio ou um ditado conciso e afiado com uma história em torno dele que ajuda você a entender o ponto dele ou ajuda você a ver a piada ou algo do tipo. E em terceiro lugar, uma história de milagre, uma narrativa de um evento milagroso.

Em quarto lugar, Bultmann e outros afirmam que a igreja primitiva não apenas preservou, mas também inventou muitas dessas unidades para preencher necessidades práticas. E assim, ao conhecer a ênfase de cada unidade, podemos determinar sua fonte e mostrar que muitas delas não remontam a Jesus. Então, uma delas é que a igreja palestina ou judaica via Jesus como seu Messias e esperava seu retorno como o Filho do Homem.

Então, esse tipo de material apontaria para um contexto de igreja judaica. A igreja gentia helenística, por outro lado, via Jesus como o senhor do culto ou divindade de sua nova religião de mistério e enfatizava sua comunhão atual com o Espírito Santo. Então, a igreja primitiva preservou e inventou muitas delas.

Quinto, esses materiais têm pouco ou nenhum valor biográfico, cronológico ou geográfico real. A extensão em que eles têm isso não é realmente, o que, digamos, autêntica. Então, o que quer que eles digam a você nessas áreas, isso foi adicionado mais tarde na tradição oral ou inventado por Marcos para se encaixar em sua estrutura ou algo assim.

Baltimore e outros apontariam que essa tendência é vista no folclore. Então, como pensamos, histórias sobre George Washington são embelezadas com detalhes não históricos, como ele jogando um dólar através do Rio Potomac ou algo do tipo. Observe a implicação aqui de que a igreja primitiva era desleixada com a verdade e usava suas histórias para propósitos de propaganda.

Quinto, a versão original de cada unidade de tradição pode ser recuperada, e sua história oral rastreada usando as leis que governam a tradição. Bem, quais são essas leis? Elas são derivadas da observação de como histórias, etc., se desenvolvem. Por exemplo, as tradições na literatura grega e judaica.

A Carta de Aristeas , por exemplo, traça a origem da tradução da Septuaginta no Antigo Testamento. E conforme você ouve a história da origem da Septuaginta em escritores posteriores, ela tende a ser embelezada de várias maneiras, como relatado por, digamos, Filo ou Josefo ou os pais da igreja ou outros. Você também pode ver como ela se desenvolve em parábolas na literatura religiosa talmúdica e judaica, onde você frequentemente vê várias versões da mesma parábola em diferentes literaturas rabínicas.

Ou os Evangelhos Apócrifos, como eles pegam emprestado dos Evangelhos canônicos. Ou os Evangelhos canônicos, Mateus e Lucas, como eles pegam emprestado de Marcos e Q. Então esses seriam os lugares que Bultmann e outros usariam para tentar desenvolver suas leis de como a tradição muda o conteúdo de várias declarações orais. Bem, essa é uma espécie de suposição dos críticos da forma.

Então, olhamos um pouco para o procedimento deles. Usando essas afirmações, os críticos de forma processam cada unidade para obter sua forma mais primitiva e então tentam decidir se essa unidade remonta a Jesus ou não. Então, o primeiro passo deles é isolar as histórias e ditos do contexto, o que é assumido como uma invenção puramente editorial.

Então, eles assumem que Mateus e Lucas usam Marcos, e então eles basicamente tentam tirar essas anedotas, se preferir, ou esses ditados, e se necessário, reduzi-los um pouco para voltar à forma original. Para fazer isso, eles usam as leis da tradição para recuperar o estado original ou primitivo de cada história ou ditado. Para isso, diz-se que uma narrativa primitiva é caracterizada por uma única cena, um curto período de tempo, apenas dois ou três personagens, e quaisquer grupos que estejam presentes agem como uma unidade.

Na verdade, vemos essas coisas com frequência. São características da narrativa, ok? E sejam essas histórias históricas ou não, para transmitir algo, o que devemos dizer de uma forma compreensível e interessante? Essas são características comuns, se preferir.

O desenvolvimento da narrativa envolve, então, de acordo com Bultman e outros, aumentar a elaboração e tornar os detalhes mais explícitos, adicionar nomes onde nenhum era original, converter discurso indireto em discurso direto e adicionar elementos miraculosos. Então, basicamente, estes são aplicados para tentar retornar à forma mais primitiva para cada ditado ou história de ditado ou história de milagre. E então, em quinto, em terceiro lugar, desculpe-me, você tenta decidir qual grupo antigo foi responsável por esta forma primitiva.

Possibilidades? Igreja primitiva, judaica ou gentia, os judeus ou Jesus, certo? Assim como dissemos antes, Martinho Lutero saiu da Igreja Católica e começou o

luteranismo. Então, Jesus saiu do judaísmo e começou o cristianismo. Então, esses outros grupos possíveis são todos considerados candidatos.

Que tipo de critério seria usado para tentar decidir se eles voltam para Jesus ou não? Um deles é atestação múltipla. Se uma forma aparece tanto em Marcos quanto em Q, então é mais provável que volte para Jesus e dissonância.

Jesus realmente disse essas coisas, que não podemos imaginar que nenhuma outra fonte antiga diria — por exemplo, pagar impostos a César. Os judeus não gostavam de pagar impostos.

Os cristãos não gostavam de pagar impostos. Então, deve voltar para Jesus. Bem, é basicamente isso que temos aqui.

Bem, então olhamos para alguns exemplos da aplicação da crítica de forma. Primeiro, voltaremos e falaremos um pouco sobre essas formas básicas que identificamos. Normalmente, três formas básicas identificadas no material do evangelho, embora alguns críticos tenham mais.

Observe que a categoria de ditos tem inúmeras subvariedades. Histórias de milagres. Críticos de formulários encontram a seguinte estrutura para histórias de milagres.

O problema é descrito. Alguma doença de uma pessoa ou um perigo ou necessidade. Algo desse tipo.

Perigo, o barco está prestes a afundar. Necessidade, essas pessoas estão aqui no deserto, e elas podem nem conseguir voltar para as cidades quando o nível de açúcar no sangue delas ficar muito baixo ou algo assim, podemos dizer. O problema é resolvido pelas ações do curandeiro ou o que for.

E Bultmann observa que as ações de Jesus como curador são muito reservadas, comparadas com algumas das ações dos curadores em Josefo ou materiais rabínicos ou papiros mágicos ou evangelhos apócrifos ou coisas desse tipo. E então o efeito do milagre é declarado. A pessoa curada, sua reação, a reação dela.

A reação é a multidão, a reação é o demônio, coisas desse tipo. Nós caminhamos por alguns exemplos aqui só para dar a vocês uma pequena sensação. Marcos 1:23 a 27, o homem possuído por demônios em uma sinagoga.

Há alguma conexão contextual no começo da história. Só então, etc., e os críticos dizem, bem, esse é o trabalho do editor. Ok, é assim que ele conecta essa anedota na narrativa para que você a jogue fora.

Mas você tem o problema. O homem está possuído por um demônio. Você tem a solução.

Jesus fala e cura o homem. E Bultmann observa, como eu disse, que em comparação com os apócrifos e as histórias de milagres gregos, há grande simplicidade nas curas de Jesus. Nenhuma palavra mágica ou ritual, embora ocasionalmente eles apontem para ephetha como sendo algum tipo de palavra mágica, embora seja basicamente aramaico para aberto, ok? E admito, alguns dos exorcismos de demônios que você vê em outros lugares, eu acho que aquele em Josefo, onde Josefo nos conta, eu acho que era um essênio que tinha um anel com algumas ervas dentro dele que foram especificadas em um dos livros mágicos de Salomão.

Ele pega o anel, segura-o no nariz do sujeito, puxa-o, e o demônio sai. E o demônio vira uma bacia de água aqui para que você saiba que ele saiu, etc. Então, bem, o efeito neste em particular que estamos olhando é o homem possuído pelo demônio, Jesus fala e cura o homem, e então você tem a reação da multidão, do demônio e da pessoa curada neste caso em particular.

Ou Marcos 4:35 a 41, Jesus repreendendo o vento e as ondas. Contexto: naquele dia, jogue fora, ok? Problema, o barco está afundando, e você tem ventos fortes. Solução, Jesus repreende o vento.

Em vez disso, ação reservada. Efeito, calma. Os discípulos ficam espantados.

Ambos os exemplos se encaixam na forma primitiva de história de milagres de Bultmann. Uma única cena, poucos atores, multidão agindo como uma unidade, etc. Bem, histórias de milagres na verdade têm essa forma básica.

Já vemos isso, e quando falamos sobre relatos de milagres em nosso relato de milagres Exegetian e quando olhamos para a caracterização de Leland Ryken de um monte de diferentes tipos de narrativas nos Evangelhos Sinóticos. Eles têm uma forma básica, mas isso não significa que você pode chamá-los de primitivos ou desenvolvidos. É uma maneira natural de narrar algo desse tipo e se aplicaria a qualquer anedota de solução de problema, se você preferir.

Histórias de ditado. Uma história de ditado é uma narrativa com um ditado como característica central. A narrativa é construída para iluminar o significado ou impacto do ditado.

Algumas características gerais das histórias de ditados do Novo Testamento. Algumas delas, adequadamente modificadas, também se aplicariam a formas seculares e modernas. Primeiro, a ênfase está em um ditado de Jesus ou de um aprovado por ele.

Na literatura rabínica, há uma ênfase em algo que Hillel disse, algo que Shammai disse, algo que Akiva disse, ou algo assim. A narrativa breve e simples é suficiente para tornar o dito compreensível. Você frequentemente tem alguém que conta uma história e então diz, você tinha que estar lá, ok? Em outras palavras, ele não contou a história muito bem, é basicamente o que isso significa.

Se você contar bem, a pessoa pode entender o ponto. Terceiro, a história contém algum interesse biográfico. Mas Bultmann diria que isso é apenas interesse biográfico sobre como as pessoas pensavam que Jesus era.

Bultmann alega que estes não têm nenhum valor histórico real, pois não são precisos. Os pós-bultmannianos, como vimos antes, discordam disso, dizendo que se há múltiplas atestações e dissonâncias e coisas assim, então as características biográficas podem voltar ao Jesus histórico e ter algum valor. E, por último, a história é finalizada por um dito ou ato de Jesus.

Às vezes, o ditado está de volta ao meio, e o ato, como Jesus curou o sujeito ou algo assim, está no final, mas mais frequentemente é completado pelo ditado. Isso funciona para entrar e sair da história bem. Geralmente termina com o próprio ditado, ou com um ato de Jesus.

Uma das coisas que você nota quando ouve pessoas que não são contadores de histórias habilidosos ou experientes é que eles têm dificuldade em parar. Eles não sabem como sair da história que estão contando de uma forma satisfatória. Bem, vamos dar uma olhada em alguns exemplos de histórias contadas.

Marcos 3, versículos 2-6, o homem com a mão ressequida curado. Isso não é primitivo, pois vemos uma combinação de milagre e história de dizer aqui, mas como a ênfase está no dizer, o milagre é a cena que ilumina o dizer. Precisa de alguma simplificação, provavelmente, para ser uma forma primitiva de acordo com a crítica de forma.

Contexto: os fariseus estão observando Jesus. A questão é, ele tem esse sujeito ali com a mão ressequida. Jesus vai curar? A resposta, Jesus diz, é lícito curar no sábado? E o milagre de cura de Jesus responde à pergunta. Interesse biográfico, raiva de Jesus, preocupação de Jesus com o homem doente.

Finalizando, ou curando a si mesmo ou quando os fariseus vão embora, bastante irritados. Outro exemplo de história dita, Marcos 2, versículos 23-28, colhendo grãos no sábado. Aqui, Jesus responde à pergunta deles com outra pergunta.

Ele encerra a história dizendo que o Sabbath foi feito para o homem, não o homem para o Sabbath. Interesse biográfico, compaixão de Jesus por seus discípulos, etc. Temos muitos casos em que Jesus responde com uma parábola.

Pergunta: quem é meu próximo? Resposta, parábola do Bom Samaritano, etc. A primeira dessas categorias, então, é chamada de histórias de ditados judaicos. Elas são semelhantes às da literatura rabínica.

Alguém, um inimigo, rei, discípulo ou pessoa na multidão, faz uma pergunta a Jesus. E, faz uma pergunta ao rabino, desculpe-me. E a resposta característica do rabino é uma parábola ou outra pergunta.

Naturalmente, esse tipo seria mais antigo, mas não necessariamente de Jesus. Esses dois exemplos que demos a vocês, o homem com a mão ressequida e colhendo grãos no sábado, se enquadram nessa categoria. Mas Bultmann também vê histórias de ditados gregos.

E esta é uma forma muito menos definida. A forma é basicamente introduzida por uma fórmula estereotipada. Quando ele, o filósofo grego ou professor ou algo assim, era questionado por alguém sobre algo, ele dizia.

Não há nenhuma história real ou pano de fundo com isso. É assim que anedotas de vários filósofos gregos eram tipicamente preservadas. Bem, há um exemplo clássico disso no Novo Testamento.

Está em Lucas 17:20-21, que usa esta fórmula acima. Na NASU. Agora, tendo sido questionado pelos fariseus sobre quando o reino de Deus viria.

Ele respondeu-lhes e disse: O reino de Deus não vem com sinais a serem observados. Nem dirão: Eis aqui. Ou, ali está.

Pois eis que o reino de Deus está no meio de vocês. Como diz o ditado grego, histórias são obviamente edições posteriores que mostram influência grega. Bultmann as joga fora.

De acordo com Bultmann, histórias judaicas podem ter Jesus, a igreja judaica primitiva ou os judeus pré-cristãos como fontes. Mas, histórias de ditados gregos têm a igreja gentia como fonte. Então, essa é a segunda categoria.

Primeiro, histórias de milagres. Segundo, histórias de ditados. Terceiro, ditados, ou o que poderíamos dizer, ditados isolados.

Ditados que originalmente não tinham história com eles, como as histórias de ditados tinham. Alguns deles agora podem ser agrupados para formar sermões. Outros podem fazer parte de uma história de ditado agora.

Mas, a forma original foi isolada. Algumas delas ainda estão isoladas aqui. Como sabemos se um sermão ou história é invenção do editor? Por que remover a história em um caso e não em outro? A crítica diz que se o ditado não faz sentido sem a história, então é uma história de ditado, não um simples ditado.

Mas, se faz sentido sem isso, pode ter sido originalmente apenas um simples ditado. Bultmann encontra cinco tipos de ditados nos Evangelhos. Provérbios, que Bultmann chama de Logia.

Mas, o termo que foi fixado por críticos de forma e é mais compreensível para a pessoa comum é Provérbios. Estes são como os Provérbios nos livros de Provérbios do Antigo Testamento. Ou, um pouco como os Provérbios de Benjamin Franklin no Poor Richard's Almanac.

Um ditado curto e conciso de algum tipo. O primeiro será o último, e o último o primeiro. Ou, médico, cure-se.

Uma segunda categoria são os ditos proféticos ou apocalípticos. Esses são ditos sobre o futuro, especialmente sobre o fim dos tempos. Não ficará pedra sobre pedra.

Dois estarão moendo em um moinho; um será levado, e um será deixado, etc. Uma terceira categoria são as palavras de lei ou mandamentos. Ditados estruturados como comandos ou imperativos.

Dê a outra face e vá além. Uma quarta categoria são as palavras I, onde Jesus usa I no ditado. Ele está se referindo a si mesmo.

Elas focam na pessoa e autoridade de Jesus. Vocês já ouviram isso, mas eu digo a vocês, etc. Esses seriam exemplos do Sermão da Montanha.

E, por último, parábolas. Ditados metafóricos, muitas vezes em forma de história, sem o significado embutido na narrativa. Baldwin foi muito influenciado aqui por Adolf Eulicher, que afirmou que parábolas autênticas fazem apenas uma única comparação, têm apenas um ponto e nunca são alegóricas.

A Parábola do Semeador, eles diriam, pode ser autêntica, mas a interpretação não é porque cada item tem um significado atribuído; isto é, torna a parábola uma alegoria. Isto é muito complicado para ser uma forma primitiva. A parábola da festa de casamento, que vimos antes, você se lembra de onde os convidados são convidados, e um bando deles recusa, e eles saem e pegam mais, e então depois que eles estão lá, esse cara aparece que não está usando uma vestimenta de casamento, etc.

A parábola da festa de casamento tem duas partes. A seção do convite de casamento e a seção da vestimenta de casamento. Essas eram originalmente duas parábolas combinadas pelo editor Mateus 22.

O banquete de casamento do rei, Mateus 22, é uma versão revisada do banquete anterior do homem rico de Lucas 14. As guerras, o filho e o rei foram adicionados mais tarde. Parábolas autênticas de Jesus são relacionadas ao ministério de Jesus ou à vinda do reino, então Bultmann jogaria fora quaisquer outras que tivessem algum outro tópico.

Bem, esse é um tipo de passeio rápido sobre como Bultmann faz crítica de forma sem passar um por um por todos os diferentes ditados, etc. Resultados para a vida de Cristo, de acordo com Bultmann. Os resultados de vários críticos de forma variam consideravelmente, dependendo de onde o crítico de forma se enquadra no espectro liberal-conservador, mas Bultmann está perto do extremo liberal.

Histórias de milagres. Mesmo depois de reduzi-las à sua forma primitiva, Bultmann conclui que elas não são genuínas. Por quê? Já que sua visão de mundo não permite que milagres ocorram.

Veja sua Discussão e Evidência de Fé, páginas 291 e seguintes. É uma grande suposição. Ele poderia ter tentado explicá-los como eventos naturais mal compreendidos, mas aparentemente não queria ser ridicularizado como Paulus foi.

Contando histórias. Apenas duas são genuínas, ou seja, remontam a Jesus, segundo Bultmann. Bultmann jogou fora, usando argumento de dissonância, tudo o que poderia se encaixar em um contexto judaico ou cristão.

Você se lembra do que dissemos sobre Martinho Lutero a esse respeito? Essa é uma metodologia um tanto estranha. Se jogássemos fora tudo de Lutero que também se encaixasse no catolicismo ou no luteranismo inicial, dificilmente teríamos algo sobrando.

Talvez sua escravidão à vontade, mas mesmo isso tem precedência no agostinianismo. A menos que uma pessoa não tenha seguidores, esperaríamos encontrar paralelos entre seus ensinamentos e os de seus seguidores. E a menos que ele seja muito estranho, esperaríamos encontrar paralelos entre seus ensinamentos e os de sua cultura.

As duas histórias de ditado que Bultmann admite são Marcos 12:13-17, o dinheiro do tributo, e seu argumento para autenticidade é que nem os judeus nem os cristãos perseguidos gostam de pagar impostos. Refutação. Talvez a fonte da história fosse herodianos ou zelotes, dependendo se Jesus é visto falando sério ou ironicamente.

Marcos 14, 3-9, a unção em Betânia. O argumento para autenticidade, permitindo que o perfume fosse derramado, é estranho dado o interesse tanto de cristãos quanto de judeus em ajudar os pobres. Os pobres sempre tiveram sua ideia, o que também era considerado estranho.

Então, não repreender um desperdício de dinheiro é algo único, e Bultmann pensou que isso era autêntico. Vamos para os ditados isolados. Bultmann vê apenas cerca de 40 deles como genuínos.

Os Provérbios, ele diz, nenhum é genuíno. Os primeiros cristãos não estavam interessados na vida de Cristo até cerca de 70 ou 80 d.C. Eles então adaptaram os Provérbios judaicos já existentes para fornecer materiais para fabricar os ensinamentos de Jesus.

Preciso que ele diga algo. Dois ditos apocalípticos. Alguns são de Jesus.

Outros são ditos apocalípticos judaicos cristianizados ou ditos de profetas cristãos mais tarde atribuídos a Jesus. Bultmann e vários críticos de forma veem o cristianismo primitivo como sendo como o movimento pentecostal moderno, o que não é um elogio na visão deles. Basicamente, mensagens proféticas de vários profetas se levantando em congregações foram mais tarde atribuídas erroneamente a Jesus.

Basicamente, o que Bultmann afirma. Palavras de lei. Algumas delas são de Jesus.

A maioria vem do legalismo da igreja primitiva, que eles inventaram. E Jesus não era um legalista, como Bultmann pensa, então apenas os comandos contra a religião externalista provavelmente são autênticos, pois vão contra o legalismo. Palavras de olho.

Nenhuma delas é de Jesus, segundo Bultmann. Elas falam de seu ministério messiânico e sua divindade. Assim, Bultmann as rejeita.

A ideia do Messias, ele pensa, foi inventada pela igreja primitiva, mais ou menos como Vreda em sua teoria secreta messiânica. Parábolas. Algumas são genuínas.

No entanto, seu contexto e interpretações são invenções posteriores da igreja. Todos os recursos preditivos são obviamente adições tardias. Bem, os resultados para isso, então.

Informações sobre a personalidade e a vida de Jesus são bastante escassas. Bultmann acha que Jesus viveu, sofreu e morreu, o que, a propósito, é mais do que alguns dos seus argumentos comunistas estariam dispostos a conceder. Bultmann acredita que algumas pessoas seguiram Jesus, mas elas o entenderam mal se

pensaram que ele era o Messias, muito menos se pensaram que ele era o Salvador ou Deus.

Mais resultados. As informações sobre os ensinamentos de Jesus são um pouco mais claras. Dos 40 ditos genuínos de Jesus, Bultmann acha que podemos deduzir algumas ideias.

Ele diz, antes de tudo, que Jesus se considerava um profeta, enviado na última hora para alertar os homens de que o reino estava chegando e chamá-los ao arrependimento e a vidas de santidade. Esses pontos são todos verdadeiros, mas Bultmann reduziu consideravelmente o que Jesus afirma e ensina. Em segundo lugar, Bultmann acha que Jesus retrata o reino vindouro como real e iminente, mas ele estava errado.

Esta é, de fato, uma visão liberal muito comum de que Jesus e os apóstolos esperavam que o reino viesse durante suas vidas. Bultmann e outros se sentem justificados pelos eventos, já que o reino não veio e não veio, embora seja de algum interesse comparar isso com 2 Pedro 3.3, onde Pedro diz, saibam isto antes de tudo, que nos últimos dias, zombadores virão com suas zombarias, seguindo suas próprias concupiscências, e dizendo, onde está a promessa de sua vinda? Pois desde que os pais dormiram, tudo continua como desde o princípio da criação. Bultmann vê o valor real do ensinamento de Jesus é o fato de que cada um de nós sempre se depara com a escolha existencial de viver a cada momento, seja para Deus ou para o mundo.

Bultmann vê o único valor do ensinamento de Jesus em nossa vida cotidiana como este, não há vida após a morte e não há julgamento futuro. Este valor cotidiano é real e presente no ensinamento de Jesus, mas é apenas uma pequena fração de seu ensinamento. Ok, bem, esse é um passeio muito rápido pela crítica de forma e visto amplamente em termos de Bultmann, mas quem é o mais influente deles? Voltamos agora e pensamos em termos de uma avaliação da crítica de forma.

O que devemos pensar da crítica da forma? Começarei a avaliação primeiro em termos das afirmações que foram feitas antes, as afirmações da crítica da forma. Então, a primeira delas, houve um período de tradição oral antes dos Evangelhos escritos. Ele se estendeu por cerca de duas gerações, e os primeiros Evangelhos foram escritos no período de 70 a 100 d.C.

Bem, houve um período oral, já que os próprios Evangelhos não foram escritos imediatamente, mas isso durou apenas talvez 20 anos até 40 ou 50 d.C. , não os 40 a 70 anos que os liberais alegam. Depois de apenas 20 anos, ainda havia muitas testemunhas oculares vivas, já que os primeiros eventos foram vistos por milhares. Assim, antes de cerca de 70 d.C. , havia muitos por perto para verificação.

Depois que Jerusalém caiu, a maioria dos cristãos judeus foi dispersada, e muitas outras testemunhas oculares estavam mortas. Paulo escreveu já 20 anos depois dos eventos, e nenhuma de suas cartas foi escrita mais de 35 anos depois do ministério de Jesus. Ele teve contato próximo com os apóstolos e a igreja de Jerusalém.

A tradição antiga e difundida diz que dois Evangelhos foram escritos por apóstolos e outros dois por seus associados imediatos. Como resultado, não há uma cadeia real de tradição, como é essencial para formar críticas. No esquema deles, você tem, você sabe, o evento está aqui, e o observador A vê algumas coisas, e ele diz a B, e ele diz a C, e C diz a D, etc., até você chegar aqui em Z ou algo assim, e então está escrito. Uma longa cadeia de tradição. Em vez disso, todas as informações nos Evangelhos eram de primeira ou segunda mão, com muitas testemunhas, múltiplos testemunhos e muitas oportunidades para verificação.

A segunda afirmação da crítica da forma é que os primeiros ditados e histórias circularam como unidades independentes. Bem, nós, de fato, observamos que a estrutura do evangelho é frequentemente como contas em um colar. Nem sempre, mas frequentemente.

Incidentes detalhados são amarrados com breves conectivos. Vimos alguns deles quando olhamos alguns dos relatos de milagres ali e naquele momento e coisas assim que são conectores muito breves. A crítica formal diz que a igreja primitiva criou a maioria das contas e quase todo o fio para mantê-las unidas.

Bem, alguns dos relatos do evangelho provavelmente foram usados como unidades independentes no sentido de que os apóstolos viajaram por aí ensinando o que Jesus disse, o que ele fez e quem ele era, etc. E eles naturalmente usariam incidentes individuais para ilustrar pontos e ensinar fatos em suas pregações. Mas esses incidentes nunca tiveram uma circulação independente e isolada em sua transmissão de evento para o evangelho escrito.

Eles podem perfeitamente ter tido alguma circulação independente e isolada que não envolvesse isso, mas como os escritores dos evangelhos eram apóstolos ou ouvintes imediatos, eles nunca tiveram essa circulação independente e isolada naquele elo, se preferir. Os apóstolos conheciam o cordão, assim como as contas, e outros professores como os Setenta, sabiam como os incidentes se encaixavam, e essa informação de conexão nunca foi perdida. Se a informação tradicional de autoria estiver correta, a circulação independente não tem relevância para o conteúdo dos evangelhos canônicos.

Além disso, nem todo material gospel parece contas em um colar. A narrativa da paixão é muito fortemente conectada para ter sido anedotas independentes. Outras histórias são sempre intimamente unidas.

A mulher com a hemorragia na filha de Jairo está sempre interligada , mesmo nos relatos em que isso ocorre. Marcos tem uma sequência de dia de sábado fortemente unida em Marcos 1:21-39. Alguns ditos são fortemente associados, como em Marcos 4:21-25 e Marcos 8:34-91.

Vemos lugares onde o único autor que juntou as unidades foi um gênio moral e poético. Por exemplo, o Sermão da Montanha tem um paralelismo hebraico impressionante e conteúdo poético. Seu ensinamento moral é o melhor já visto.

Veja também os quiasmas observados por Kenneth Bailey em seu *Poet and Peasant* e as várias observações sobre a qualidade literária das parábolas e sermões de Jesus em Leland Ryken do Novo Testamento em *Literary Criticism*. Como todos esses fragmentos compostos por vários grupos antigos foram tecidos nessa tapeçaria moral e literária? Que gênio fez isso? Jesus é a melhor sugestão. Mas, nesse caso, essas unidades tinham apenas uma fonte e nunca foram independentes.

Em terceiro lugar, os materiais do Evangelho podem ser classificados em formas. Em certo sentido, qualquer comunicação escrita ou oral pode ser classificada em formas. Além disso, a estrutura de contos no cordão dos Evangelhos permite muitos exemplos de formas relativamente curtas e discretas, a saber, histórias e ditos de vários tipos.

No entanto, o caráter formal de algumas das categorias de Bultmann é questionável. Quatro das cinco categorias de ditados de Bultmann, todas, exceto as parábolas, são meramente descritivas de conteúdos. Que estilo distingue uma palavra de lei ou uma palavra I de um provérbio? Além disso, a narrativa da paixão não tem forma na qual se encaixe.

Como você pode reduzir algo tão complexo a uma forma primitiva? A datação de materiais sem forma não pode ser baseada no desenvolvimento de formas. Bultmann decidiu antecipadamente, independentemente de formas verdadeiras, quais materiais são autênticos e em quais ele não consegue acreditar. Nós o vemos atirar em todas as formas milagrosas, mesmo quando elas têm sua verdadeira forma primitiva.

Em quarto lugar, a Igreja primitiva inventou e expandiu histórias e ditados para atender às suas necessidades práticas. Certamente, um fator na preservação do material sobre Jesus foi seu valor para a Igreja primitiva. Mas esse não foi o único fator, e não havia necessidade de propor uma invenção.

O que queremos dizer com prático, afinal? Note que as epístolas de Paulo são muito mais práticas do que os Evangelhos em atender às necessidades de igrejas funcionais, pois são escritas para igrejas reais com problemas reais. Isso é muito óbvio na grande preponderância de pregação das epístolas que vemos em igrejas

orientadas para a prática hoje. No entanto, comparado com os ensinamentos de Paulo, parece que muitos dos interesses da Igreja não são encontrados nos Evangelhos, e vice-versa.

Os Evangelhos nos contam quem é Jesus e o que ele fez, a história da salvação e a teologia bíblica, mas não respondem a muitas questões práticas. Até mesmo os detalhes das aplicações práticas da expiação de Jesus são encontrados nas epístolas em vez dos Evangelhos, aparentemente porque Jesus não discutiu isso durante seu ministério terreno. O fato de as pessoas estarem dispostas a seguir Jesus, até mesmo segui-lo até a morte, sugere que ele deve ter feito ou dito algo digno de nota.

Grande parte do material nos Evangelhos não é diretamente prático para igrejas posteriores, mas é importante historicamente, especialmente em suas relações com os fariseus e coisas assim. Os Evangelhos estão preocupados em preservar o ministério de Jesus, seus ditos e suas ações, e é por isso que a Igreja os preserva. Os Evangelhos são invenção? Muitas coisas práticas nos Evangelhos são impossíveis.

O Sermão da Montanha contém muita coisa que as pessoas não podem fazer por conta própria. As igrejas legalistas são cuidadosas para não inventar mandamentos que só podem ser obedecidos pela graça. Quando os liberais dizem que o material do Evangelho foi inventado, eles alegam que a Igreja primitiva não controlava o que estava sendo ensinado sobre Jesus, mas o Novo Testamento se preocupa com a verdade, com os anciãos treinados e com a rejeição de falsos ensinamentos.

Os liberais tentam descartar muito desse material, por exemplo, as epístolas pastorais, empurrando sua data para o fim do primeiro século. Mas se houve um grupo de líderes da Igreja que controlou o ensino e o conteúdo da Igreja desde a morte de Cristo até que os Evangelhos foram escritos, então os liberais estão em apuros. Nesse caso, os Evangelhos são historicamente confiáveis, a teologia liberal está errada e há um julgamento por vir.

Quinto, os Evangelhos contêm pouco valor biográfico, geográfico e cronológico. Bem, os Evangelhos têm muitos dados nessas áreas. Não podemos muito bem verificar tudo 2.000 anos depois.

Não temos máquinas do tempo. Certamente, Jesus é retratado fazendo grandes afirmações sobre si mesmo e o julgamento vindouro, e essas implicações continuam a afetar os homens.

Para negar essas alegações e o valor histórico dos Evangelhos, é preciso afirmar que a Igreja primitiva não estava interessada no Jesus da história. Isso é contradito em todos os lugares. 1 Coríntios 15, cerca de 25 anos após o evento, Paulo diz: Se Cristo não ressuscitou, vocês ainda estão em seus pecados.

Paulo não diz, acredite em mim, mas apela a muitas testemunhas que ainda estão vivas. Cerca de 25 anos após o evento, ainda é possível verificar os detalhes sobre a vida de Cristo. Lucas 1, 1-4 diz explicitamente que o autor tinha interesse no que realmente aconteceu.

Aparentemente, ele entrevistou testemunhas oculares e investigou os assuntos cuidadosamente. Atos 1 :21-22, ao selecionar um substituto para Judas, os apóstolos escolheram alguém que estivera com eles desde o batismo de Cristo até a ressurreição. Assim, os apóstolos não foram apenas testemunhas da ressurreição de Jesus, mas também de seu ministério.

Isso mostra grande interesse na história de Jesus. A Igreja primitiva também estava preocupada que esse material fosse transmitido cuidadosamente. Veja a preocupação em 2 Tessalonicenses 2:2, 2:5, 2:17 e 3:17, sobre mensagens e cartas falsas de Paulo a respeito da segunda vinda.

Paulo diz que assina pessoalmente suas cartas como prova de sua autenticidade. Prova de sua autenticidade. 2 Timóteo 2:2 diz para confiar a homens fiéis o que você ouviu na presença de muitas testemunhas.

Então, Timóteo tinha mais do que apenas a palavra de Paulo para prosseguir. Vemos uma declaração semelhante, a propósito, na literatura rabínica. Mishnah, Ediyot 5-7, onde o rabino Aqabiyah ben Mehaliel está em seu leito de morte por volta de 90 d.C.

Ele diz ao filho para repetir apenas o que ouviu da maioria dos professores. Ignorar a tradição que vem de um só, mesmo que seja seu pai. Para manter sua posição, os críticos do fórum rejeitam o testemunho de Papias sobre a conexão próxima entre os Evangelhos e os apóstolos, embora não haja nenhuma evidência externa contra isso.

Temos, obviamente, o testemunho de Papias de que o apóstolo Mateus está por trás do Evangelho de Mateus, e Pedro, por meio de Marcos, é responsável pelo Evangelho de Marcos. Os liberais fazem do apóstolo Mateus o autor de Q, na melhor das hipóteses, e dizem que todas as outras referências antigas são baseadas em má interpretação de Papias. Esta é uma grande suposição.

Poderia Irineu ser limitado a Papias apenas como sua fonte de dados quando seu professor primário era Policarpo? Note que os gnósticos tiveram que recorrer às teorias da trama para reivindicar autoridade para seus ensinamentos. Eles concordaram que o ensinamento público de Jesus era exatamente como os Evangelhos canônicos o tinham, mas alegaram que era incompleto e tinha que ser suplementado com as palavras secretas de Jesus. Compare as palavras de abertura do Evangelho de Tomé e do Evangelho de Judas, ambos os quais fazem referência a ensinamentos secretos.

Tudo isso mostra que a igreja estava interessada em quem Jesus realmente era e que seus documentos escritos eram bons. Marcião até modificou Lucas em vez de jogar tudo fora como não confiável. Sexto, a versão original de cada unidade de tradição pode ser recuperada, e sua história rastreada usando as leis que governam a tradição.

Mesmo se admitirmos que as leis da tradição de Baltimore são válidas, embora de fato tenham sérios problemas, isso não prova que falsificação ocorreu nos Evangelhos. Alegações de que durante a transmissão da tradição, detalhes tendem a aumentar, nomes são adicionados e o discurso muda de indireto para direto não se encaixam com Marcos sendo a fonte de Mateus e Lucas, onde Marcos tem muito discurso direto e frequentemente mais detalhes do que Mateus e Lucas têm. É verdade que essas tendências frequentemente caracterizam a transmissão de histórias e ditos, como na revelação de uma ilustração de sermão, mas mesmo uma tendência a fazer algo não prova que foi feito em qualquer caso particular.

O problema é que para um evento que realmente aconteceu, as pessoas tinham nomes reais, elas realmente falaram com discurso direto, e os eventos realmente ocorreram em grande detalhe. Então, todas essas coisas estavam no evento original. Dadas duas narrativas de um evento com diferentes níveis de detalhe, uma a menos, uma a mais, você tem que adivinhar qual é mais antiga.

Aqui está o evento original aqui com todos os detalhes, e então ele volta para baixo, e então eventualmente ele fica muito baixo, e então as pessoas começam a inventar coisas e a flecha longa pertence aqui com a flecha curta atrás dela mais longe do evento ou a flecha curta pertence aqui e a flecha longa de volta aqui? Você não sabe. Mesmo se alguém conceder alguma falsificação nos Evangelhos, há o suficiente para rejeitar completamente o ensinamento do Juízo Final? Os liberais devem dizer que os Evangelhos são totalmente não confiáveis para fazer isso. Isso poderia ter acontecido em uma geração dentro de um grupo que estava obviamente preocupado com a verdade? Não se pode rejeitar histórias de milagres com base nas leis da tradição.

Isso seria semelhante a concluir, a partir de histórias de peixes, que peixes não existem. As leis da tradição apenas permitem a simplificação de histórias, mas não as descartam completamente. Bultmann e os liberais lançam milagres partindo do pressuposto de que eles não podem ocorrer.

Bem, nenhum cientista, muito menos Bultmann, sabe o suficiente para dizer que nosso universo é um sistema fechado de causa e efeito no qual nem Deus pode penetrar. O procedimento de Bultmann garante encontrar um Jesus não-milagroso e heterodoxo usando o princípio da dissonância. Mas ele realmente nos diz algo sobre o Jesus real? Bem, algumas lições positivas da crítica da forma.

Primeiro de tudo, os relatos do Evangelho contêm exatamente o tipo de material que esperaríamos nas reminiscências autênticas de homens que testemunharam eventos memoráveis, especialmente se eles foram encarregados de ensinar esses eventos e o fizeram por algum tempo antes de escrever. Observamos, por exemplo, contornos gerais. Então, todos os Evangelhos são os mesmos em relação aos contornos gerais, hein? Uma sequência geral, uma visão geral do período.

Vemos muitos incidentes simples e únicos, ocasiões memoráveis, anedotas, coisas desse tipo. Vemos algumas sequências. Elas envolvem itens triviais e importantes e as interligações entre eles.

Observamos formas e arredondamentos. A propósito, estas são mais características da repetição oral por uma pessoa do que da transmissão oral por muitos indivíduos. A reutilização frequente de materiais em um ministério itinerante tenderia a moldar declarações marcantes e milagres nesta forma.

Uma pessoa pensando e aprendendo por experiência como contar uma história fez ou não o ponto principal e como ele foi capaz de entrar e sair dela e tal sem muitas palavras. Então essa é uma das nossas lições. Os relatos do Evangelho contêm exatamente o tipo de material que esperaríamos em reminiscências autênticas.

Em segundo lugar, a crítica de forma é hiper-cética. Se fosse aplicada em outro lugar, saberíamos muito pouco sobre o passado. Um pouco de ceticismo é útil, mas com muito, você joga fora muito do que precisa.

Uma vez que vamos além das pessoas vivas, precisamos confiar em documentos escritos e tradições orais. Filmes e vídeos não são mais confiáveis do que a escrita. Em terceiro lugar, a crítica da forma fez uma contribuição positiva ao mostrar que não temos tradição nos Evangelhos de um Jesus não messiânico, não milagroso e puramente humano.

Se tomarmos as formas primitivas antes de Baltimore jogá-las fora, ainda temos milagres e reivindicações messiânicas. Jesus se considerava capaz de perdoar pecados, reivindicava um relacionamento próximo com o Pai, ser humano, mas unicamente divino, tudo isso foi notado pelos pós-baltimorenses. Baltimore deve ir além da crítica de forma com suposições gerais de cosmovisão para jogar esse material fora.

O Cristo dos Evangelhos continua a ser uma contradição para aqueles que descartaram o sobrenatural. Bem, vamos nos voltar para a crítica da redação aqui, mas vamos parar por um momento.